

SAUDAÇÃO A JOSÉ AUGUSTO BEZERRA⁷²

Angela Gutiérrez

Ao ser convidada para saudar, em nome da Academia Cearense de Letras, seu mais novo membro, José Augusto Bezerra, minha mente iluminou-se com a memória da noite em que recebi, aqui no Palácio da Luz, pela mão afetuosa de Meu Pai, Luciano Mota, o medalhão acadêmico da Casa de Thomaz Pompeu, e pelas generosas palavras do Poeta Artur Eduardo Benevides, as boas-vindas de nossa antiga e respeitada instituição.

No momento em que o caro amigo José Augusto emerge de seu batismo acadêmico, a lembrança daquela quase longínqua noite de 1997, que venho de rememorar, aparece-me regida pelo olhar da dama de branco da grandiosa tela de Raimundo Cela que dá vida a uma das paredes dessa sala e inspira-me a criação de uma alegoria, imagem de que lanço mão para traçar com mais leveza as linhas desse discurso de recepção.

Imaginemos, pois, a Academia como uma personagem mitológica, bela e altiva como a figura da Liberdade criada pelo artista cearense. Na alegoria que evoco, cabe a essa dama, ao reger o ritual de entrada de um novel acadêmico que alcança o umbral dessa sala, repetir, como a esfinge, uma indagação:

- "Quem és e a que vens?"

José Augusto poderia responder à primeira pergunta com sua história, que lhe permite trazer para a Academia a contribuição de uma vida dedicada à cultura ou, pedindo de empréstimo a José Míndlin o título de uma de suas obras - uma vida entre livros.

Nascido em terras de Alto Santo, no mesmo ano de 1948 em que o então distrito de Limoeiro do Norte recebia a luz elétrica, José Augusto conheceu o carinho de sua mãe, Maria Joviana Bezerra, e de

⁷² Discurso de recepção a José Augusto Bezerra na ACL, no dia 1º de dezembro de 2010, no Palácio da Luz.

seu pai, Américo Bezerra Cunha, e a graça de ver a luz em um recanto abençoado, a que os indígenas deram o nome de Utuba – água abundante -, banhado que é pelos rios Jaguaribe e Figueiredo, pelo Riacho Várzea Grande, e refrescado pelas águas da Lagoa Grande e da Lagoa do Junco. No antigo Alto da Viúva, sob as bênçãos do Menino Deus, padroeiro da mais antiga igreja do lugar, construída na década de 80 do século XIX, Augusto viveu até completar três anos de idade, quando seus pais decidiram morar em Recife, no intuito de propiciar adequada educação escolar aos filhos.

As bênçãos do Pequeno Grande, padroeiro de sua terra, acompanharam José Augusto à capital pernambucana, especialmente numa noite de São João, quando conheceu a bela mocinha Maria Bernadette de Oliveira, hoje, gentil dama com quem vem constituindo harmoniosa família, que se compõe de quatro filhos, duas noras e um genro e, até agora, cinco netos.

Tendo estudado nas Escolas Federais de Administração de Recife e de Fortaleza, José Augusto continuou seus estudos sobre Marketing em São Paulo e na Holanda, e desenvolveu seu trabalho na área de gestão, como Gerente Regional da Philips e, posteriormente, na Augustus Empreendimentos Imobiliários, de que é Diretor- Presidente.

Ao longo de sua vida, porém, demonstrou, para além de sua competência profissional, marcante vocação para a leitura e a oratória. A leitura encaminhou-o ao amor aos livros – à bibliofilia – a que se vem dedicando por prazer e como uma missão. Tendo fundado a Associação Brasileira de Bibliófilos, em 1985, José Augusto, como presidente da associação, promoveu mais de uma dezena de exposições de livros, muitas delas nesta Academia, criou a medalha José Míndlin, aliás, com quem manteve longa e estreita amizade, e a revista *Scriptorium*; organizou três encontros nacionais de bibliófilos, um deles, o último, sediado na Casa de José de Alencar, quando eu era guardião desse importante patrimônio do povo cearense. Ao longo de 50 anos, José Augusto vem construindo sua biblioteca particular que, hoje, é considerada a mais valiosa do Brasil, com 27 mil livros raros, em que

se destacam vários conjuntos e acervos que se incluem entre os mais importantes no Brasil, dos quais menciono os de: dicionários; ex-libris; livros e documentos originais editados pela Imprensa Régia; livros de viajantes estrangeiros sobre o Brasil e de escritores nacionais sobre História do Brasil, em período que abrange do século XVI ao XIX; correspondências e primeiras edições de livros de José de Alencar; manuscritos sobre o Brasil; primeiras edições de grandes escritores brasileiros, compreendendo 1 100 obras; literatura infantil no Brasil; livros em língua tupi-guarani; obras sobre arte brasileira e portuguesa e sobre história da arte; sobre oratória; sobre o Ceará. Assim, não é sem razão que Ana Maria Bocayuva de Miranda Jordão, renomada especialista nacional como livreira antiquária, opina que essa biblioteca é uma das maiores bibliotecas de referência no Brasil.

O acervo da Biblioteca José Augusto Bezerra, quanto a livros sobre Rachel de Queiroz e às primeiras edições da bibliografia da escritora cearense, foi, recentemente, enriquecido por doação de manuscritos, objetos pessoais e obras da autora d'*O quinze*, por sua irmã, Dona Maria Luiza de Queiroz Salek, o que permitiu ao bibliófilo cearense organizar o Memorial de Rachel de Queiroz, que já se constitui como preciosa fonte de pesquisas sobre nossa romancista em seu ano centenário. Aliás, José Augusto vem prestando generosa consultoria à instalação de outro memorial Rachel de Queiroz, a ser inaugurado neste mês, em Quixadá, município que abriga a tão querida "Não-me-deixes" da nossa acadêmica.

Da leitura e do amor aos livros, José Augusto partiu para a sua própria escrita, tendo publicado vários ensaios nas respeitadas *Revista da Academia Cearense de Letras* e *Revista do Instituto do Ceará*, e em outras nacionais e estrangeiras, sobre temas, como a Imprensa Régia, e personagens da História e da Cultura, como João Brígido, Visconde de Cairu, Eduardo Campos, além de ser autor de dois livros sobre o Instituto Rotário no Brasil. Em 2004, publicou sua primeira narrativa de ficção com base histórica – *O Espírito do Sucesso* – que recria, com erudição e imaginação, episódio da história de Alexandre, o

Grande. No presente ano, coordenou a organização do livro *O Acervo do Barão de Studart*, publicado pelo Instituto do Ceará e patrocinado pelo Ministério da Cultura, que apresenta manuscritos e documentos do historiador cearense, além de vários ensaios sobre sua obra. Neste mês de dezembro, lançará, em parceria com Ingrid Schwamborn, e em edição bilíngüe, português-alemão, a segunda edição do primeiro livro sobre música publicado no Brasil: *Haydn, Mozart e Neukomm na Corte do Rio de Janeiro*. Atualmente, prepara a publicação do livro *Uma História do Brasil em Manuscritos*, que trará à luz, em março de 2011, importantes documentos históricos de nosso país, preservados em sua Biblioteca.

Na oratória, José Augusto, distingue-se desde seus tempos de estudante e, recentemente, tivemos mostra de seu talento nessa arte, quando discursou, com brilho e elegância de linguagem, na cerimônia de concessão do prestigiado Prêmio Sereia de Ouro 2010, no Theatro José de Alencar. Juntando sua aptidão para oratória a sua vocação gregária, José Augusto transforma suas conferências e discursos em chamamento para a ação cultural, na tribuna de importantes instituições a que pertence: na área de filantropia, o Rotary Club, e na área cultural, a Academia Cearense de Retórica, a Academia Fortalezaense de Letras, a Academia Cearense de Língua Portuguesa, a Associação Brasileira de Bibliófilos e o Instituto do Ceará, Histórico, Antropológico e Geográfico, de que é presidente.

Na presidência do Instituto do Ceará, a decana das instituições culturais em atividade no estado, fundada em 1887, José Augusto deu continuidade a projetos iniciados na gestão do escritor Eduardo Campos, como o Memorial Barão de Studart; e promoveu o restauro e a digitalização dos documentos do Barão e do acervo iconográfico da instituição referente à História do Ceará; o aperfeiçoamento técnico da biblioteca; a criação da hemeroteca e do laboratório de restauro de obras raras, assim como reativou o Boletim do Instituto; organizou a sala historiador Geraldo Nobre; e vem renovando e estabelecendo vários convênios entre o Instituto e parceiros, como Banco do Nordeste,

BNDS, Prefeitura de Fortaleza e M. Dias Branco, para ampliar a ação cultural do Instituto na sociedade cearense.

Assim, o novel acadêmico, se respondesse à primeira pergunta da Academia mitológica – “Quem és?” – mostraria, com a história de sua vida, que não chega à nossa instituição de mãos vazias. Para responder à sua segunda pergunta – “A que vens?” -, José Augusto, parodiando o poeta Girão Barroso, que trazia os bolsos cheios de poesia, poderia responder que vem à Casa de Thomaz Pompeu com a mente cheia de planos, idéias e boa vontade. Considero - e acredito que assim também pensam muitos outros colegas acadêmicos -, que a entrada na Academia Cearense de Letras pode ser, mais do que a consagração ou o apogeu de uma vida literária, o início de uma missão: a participação em um programa coletivo que visa ao engrandecimento do patrimônio cultural de nossa agremiação e de nossa terra e ao amplo acesso de toda a sociedade aos bens de cultura.

José Augusto vem preparado para inscrever-se nessa missão, pois, além do respeito que sempre manifesta pela Academia, traz, também, a consciência de que sua história lhe permite aspirar à participação na história viva de nossa instituição.

Assim, por delegação do presidente da Academia, em nome de meus colegas acadêmicos, e em duo com a figura alegórica da Academia, finalizo minhas palavras de saudação a José Augusto Bezerra, que assume a cadeira do saudoso colega, competente jornalista e gentil-homem, J. C. de Alencar Araripe, com um singelo e sincero:

- Seja bem-vindo!